por CARIÊ LINDENBERG

DO CAMPINHO AO CENTENÁRIO PARQUE MOSCOSO

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Cento e dois anos é um tempo relativamente curto para se alterar, substancialmente como ocorreu com Vitória, a fisionomia de uma cidade. Principalmente se consideradas as importantes e profundas cirurgias que foram realizadas em nossa capital do início do século passado até o nosso tempo.

É incrível imaginar que estejam tão próximos de nós os dias em que nossa Capital não tinha água encanada, luz ou esgoto. Também não tinha transporte público, senão um precário bonde que percorria trajeto diminuto, puxado a burros, e que se tornou elétrico quando chegou a energia. A cidade ainda não era um presépio como hoje, e sim um povoado embrionário ainda praticamente nas mesmas condições em que Vasco Fernandes Coutinho a havia deixado há pouco mais de cem anos: um verdadeiro caos.

Vitória era, então , abastecida de água por umas pipas de uma empresa da família Guimarães. O preço era duzentos réis pela lata de vinte litros. A parte mais delicada dos equipamentos urbanos, a do recolhimento dos dejetos da população, claro, ficava por conta privativa de firma da família Oliveira Santos. Às portas dos domicílios, ela manuseava tonéis que eram recolhidos à, noite em carroças (também puxadas a burros), e lançados ao mar próximo aos trapiches no encontro das Ruas do Comércio e Presidente Pedreira, próximas ao cais Schimitd.

Os concessionários destes dois relevantes serviços públicos faziam, embora de forma rudimentar e artesanal, o trabalho que é tarefa da Cesan desde a metade do século passado. Esses pontos do porto, parte sul da cidade, alimentavam de água salobra e poluída uma grande extensão de área formando um descomunal alagado – um brejo – denominado Campinho, também conhecido por Vila Moscoso, inundando toda a região até alcançar as saias dos morros do Moscoso e de Santa Clara, onde as águas eram estancadas e se mostravam firmes por razões óbvias .

Este monumental banhado era um permanente foco de graves doenças importadas via porto, tais como a cólera, peste bubônica e a febre amarela – sem mencionar o impaludismo (malária), um mal local – que representavam um constante risco de epidemias e um tormento para a população, causando frequentes mortes. O Porto de Vitória, à época, se tornou internacionalmente conhecido não só pela especial e generosa beleza de seu canal e de sua baía, mas também pelos riscos que essas doenças representavam para quem ancorasse por aqui.

A Vila Moscoso ocupava o lugar onde hoje se situa o centenário parque

Foto do Parque Moscoso em 1977, quando era uma das opções de lazer da capital

Ao assumir o Governo, em 1908, o Presidente Jerônimo Monteiro *(Nota do Editor: o cargo de Governador só passou a ter tal nomenclatura em 1947)*, dentre muitas iniciativas modernizadoras, tais como oferecer água encanada, luz e esgoto, concebeu um programa de saneamento em que estava incluído o aterro do Campinho e a construção do Parque Moscoso, nome escolhido em homenagem a um ex-presidente do Estado. Enganam-se os que supõem que o aterro do campinho se circunscreveu simplesmente aos limites dos quatro hectares do parque. Na verdade, desenvolveu-se ali uma verdadeira epopeia para aterrar e canalizar as águas daquela vasta área. Foram construídos vários drenos secundários em canais de concreto, todos ligados ao grande coletor do banhado na Rua da Vala , hoje conhecida como Avenida República, projetada, anteriormente , pelo engenheiro Pedro Ambrósio.

A uma comissão de oito engenheiros foi dada a incumbência de promover o estudo da drenagem e do aterro da obra, tudo aprovado por Jerônimo Monteiro que, em 26 de fevereiro de 1910, contratou o Cel. Antônio José Duarte, empreiteiro experiente, capitalista estabelecido em Iconha com a firma Duarte e Beiriz, para fazer o desmonte e o aterro de toda a área em questão. Outro contratado foi Paulo Motta , reconhecido paisagista autodidata de famosa competência, para conceber e realizar a construção e o ajardinamento do parque.

É imprescindível que nos reportemos a um tempo em que não existiam as grandes máquinas pesadas – escavadeiras, basculantes enormes e motor scrapers – inventadas e construídas a partir de 1937, que, com extrema facilidade, hoje transformam rapidamente a face da terra.

Para melhor compreensão, é melhor voltarmos ao tempo em que os instrumentos de que se dispunham para realizar a formidável obra eram, além da firme determinação do presidente, as picaretas, as pás e os burros com suas carroças. Nem carroceiros foram utilizados no processo.

Decidiram, então, que o desmonte do material para o aterro, escasso na Ilha , deveria vir do morro mais próximo, o que também não descaracterizaria o semblante da Capital, e aonde existia uma antiga e quase centenária Santa Casa. Como já estava velha, puseram-na abaixo, rebaixaram e ampliaram a face superior do morro de onde saiu o material para o aterro criando uma praça muito mais ampla que serviria para a construção de outra Santa Casa, mais moderna e ampla, que ainda hoje está lá .

Os burros, de vital importância no desenvolvimento da obra, eram, em sua quase totalidade, inteligentes, comportados, dóceis e, enfim, eficientes. Apenas um deles desafiava a vigilância do Cel. Antônio José Duarte. Assim: eram duas longas filas nas quais seguiam espontaneamente os burros e – e suas respectivas carroças – carregando o material pelo morro e seguindo, em fila, até o seu despejo no alagado de onde retornavam vazios ao morro para recolher nova carga. Isto se repetia durante todo o dia.

Pois bem... Pasmem! Havia um burro esperto que, ao contrário de seus "colegas", só fazia uma viagem com carga por dia. Malandro, depois de descarregar a carroça no local previsto, ele retornava e, antes de chegar ao ponto de receber nova carga, furava a fila e entrava de novo na fila em que se encontravam os burros com carga. Quando se aproximava do ponto de descarga, fazia o caminho inverso, novamente furava a fila, e voltava vazio. Assim , sem peso, ele circulava o dia inteiro.

Deixemos isto para lá. O que interessa é que, apesar do mau exemplo daquele burro preguiçoso, aqueles bravos homens se esmeraram, construíram e nos entregaram o parque que, na época, foi considerado um dos mais belos do Brasil. Inaugurado em 19 demaio de 1912 , o Parque Moscoso trazia cisnes abstratos, gansos vigilantes, lagos, ruínas, repuxos, fontes luminosas, recantos sombrios, pontes, labirintos etc. tudo por obra da genialidade de Paulo Motta, que também merece crédito por nosso Horto Municipal .